

Exposição: ELAS Indígenas

Curadoria: Toni Lotar (indigenista) e Alberto Saraiva

Artistas:

1. Vãngri Kaingáng (Rio Grande do Sul)
2. Tapixi Guajajara (Maranhão)
3. We'e'ena Tikuna (Amazonas)
4. Benilda Kadiwéu e Coletivo Kadiwéu, composto por 20 artistas. (Mato Grosso do Sul)
5. Ana Kariri (Nordeste)
6. Mara Kambeba (Amazonas)
7. Varin Marubo (Amazonas)
8. Juliana Guarany (Rio de Janeiro)

A exposição “ELAS Indígenas” reúne um grupo de oito artistas e um coletivo, todas mulheres de diversos povos indígenas de norte a sul do país. São mulheres protagonistas que abordam o conceito ocidental de arte com as referências de seus próprios povos. Trata-se de uma incursão necessária para atualizar o Brasil sobre sua produção artístico-cultural, assim como demonstrar que os povos indígenas contribuíram e contribuem efetivamente para construção de uma ideia de identidade nacional.

A luta dos povos originários pelo reconhecimento dos seus direitos é uma das lutas mais importantes da história do Brasil, e todas as instituições devem estar unidas pela defesa da vida e da riqueza cultural desses povos.

O Parque Lage está desenvolvendo um conjunto de “Ações Indígenas Permanentes” em seu programa de ensino para consolidar, ampliar e enriquecer sua atuação tradicional, expandir o acesso à EAV a todos os segmentos da sociedade, que compõem o povo brasileiro, com sua rica mestiçagem populacional, cultural e espiritual, e socializar a vibrante riqueza cultural e artística dos indígenas. No âmbito dessa iniciativa, o Parque Lage apresenta o primeiro curso em sua grade curricular, ministrado pela professora indígena Varin Mema, doutora em Antropologia Social pela UFRJ/Museu Nacional. Varin faz parte do corpo docente da EAV Parque Lage, e seu curso abordará os grafismos indígenas. A primeira iniciativa no sentido de construir uma escola mais indígena, contudo, é a exposição “ELAS Indígenas”, aqui apresentada.

Esta exposição e a criação de cursos na programação de nossa escola sobre os saberes Indígenas é fundamental, sobretudo num momento em que a luta indígena conquista respeito e dignidade nacional e internacional em diversos níveis da sociedade e das estruturas de governo. Um importante passo nessa conquista foi dado pelo governo federal, que criou o Ministério dos Povos Indígenas e indicou lideranças indígenas para a direção de instituições como a FUNAI,

rebatizada como Fundação dos Povos Indígenas, e a SESAI, a Secretaria Especial de Saúde Indígena. Nessa conjuntura, é pivotal que haja união de forças na apresentação da riqueza dos povos originários, além de contribuir para a consolidação de seus direitos em sua luta secular.

As mulheres indígenas têm protagonismo exemplar nesse contexto, pois se organizaram paulatinamente para tomar nas mãos os seus próprios destinos e entraram nas universidades, na política e nas artes. Nesta exposição, apresentamos 8 mulheres de 8 povos diferentes.

Toni Lotar
Alberto Saraiva

1. Vãngri Kaingáng (Rio Grande do Sul)

Vãngri nasceu na Terra Indígena Ligeiro, no estado do Rio Grande do Sul. Ajudou a retomar a Aldeia de Alto Recreio Serrinha e mora ali desde abril de 2000. A Aldeia localiza-se no norte do Rio Grande do Sul, onde fica a sede do Ponto de Cultura Kanhgág Jãre, que trabalha a educação, saúde e cultura dentro das terras indígenas Kaingáng.

Vãngri é escritora e artista plástica e, desde 2005, trabalhou em muitos projetos culturais dentro e fora das Aldeias e do estado, assim como no Ponto de Cultura Kanhgág Jãre. Educadora e coringa do Teatro do Oprimido de Augusto Boal, ela trabalhou teatro na comunidade de Serrinha, entre o povo Kaingáng, e em aldeias de outros povos indígenas pelo Brasil.

É Griô, mestre de tradição Kaingáng, no Projeto GRIÔ, especialista em comida tradicional, música, canto e dança.

Vãngri também é contadora de histórias das mitologias da criação do povo Kaingáng e cultiva e realiza trabalhos com remédios e ervas tradicionais dos Kaingáng.

2. Tapixi Guajajara (Maranhão)

“Sou Tapixi Guajajara. “Tapixi” significa “coelho”, e “Guajajara” significa “donos do cocar”., Meu nome civil é Iraelza Bernardo Gragório Guajajara. Meu povo é proveniente do Maranhão e é conhecido como Tenetehará (“somos os seres humanos verdadeiros”). Eu sou da Aldeia Buritizal e nossa língua é o ze’ete, que significa “a fala boa”. Sou pintora, canto e desenho grafismos em vários objetos como o maracá. Vou fazer um convite em minha língua para que venham para nossa exposição; “Pedura aicé tekowa mêê maá diapó pirera réchakapó”. A

tradução é: “Gente, vem conhecer o trabalho do povo Guajajara!”

3. We'e'ena Tikuna (Amazonas)

We'e'ena é proveniente da terra indígena de Umariáçu, no Alto Solimões, no Amazonas do povo Tukuna. Seu nome significa “a onça que nada para o outro lado do rio”. Um nome sugestivo para uma mulher indígena que se tornou protagonista na representatividade de seu povo. We'e'ena é artista plástica, palestrante, cantora e design de moda. Tornou-se ativista dos direitos indígenas e utiliza as redes sociais para falar de arte, cultura e saberes dos povos indígenas.

4. Benilda Kadiwéu (Mato Grosso do Sul)

Benilda Vergílio é Indígena da etnia Kadiwéu, da aldeia Alves de Barros, localizada no município de Porto Murtinho, Mato Grosso do Sul. Entre o povo Kadiweu, ela é chamada de Beni ou “Examelexe”, que é uma cantoria em homenagem aos Indígenas Cavaleiros "Ejiwajegi", que lutaram na guerra do Paraguai contra o Brasil. Desde 2009, ela tem usado o enodesign para mostrar ao mundo aspectos da cultura Kadiwéu através de vestimentas. Suas coleções revelam detalhes, grafismos e cores que remetem aos rituais e festividades de seu povo.

Além de ativista pelos direitos dos povos Indígenas, Benilda é defensora e propagadora da arte Kadiwéu, sobretudo da cerâmica, que é a principal fonte de renda das mulheres de seu povo. Nesse sentido, participou de eventos em que abordou a importância da preservação e valorização da arte Kadiwéu. As suas coleções trazem peças exclusivas que remetem às cores da cerâmica Kadiwéu, à relação com o meio ambiente e aos aspectos históricos de sua cultura. Seu trabalho provoca a reflexão sobre o universo simbólico da arte Kadiwéu, que é repleto de significados e elementos muito relevantes para a cultura desse povo.

Anagi anotio

Niwangodepodi, Anagi Awotio.

Awiini igodowenataka libinienaga

axawani, oko iwalepodi nowika, oko.

Elícodi.

Senhores (as), sejam bem-vindos.

Olhem as coisas bonitas que produzimos.

Colaborem divulgando e contemplando a arte das mulheres indígenas. Somos muitas.

5. Ana Kariri (Nordeste)

Liderança da Etnia Kariri da Paraíba, Ana Kariri é artista visual Indígena, escritora, idealizadora e presidente do Coletivo Nacional Tuxaua, a rede de saberes indígenas e cultura popular. É membro do Conselho de Cultura de Duque de Caxias e faz parte da rede nacional de escritoras indígenas Mulherio de Letras.

6. Mara Kambeba (Amazonas)

“Meu nome é Mara Kambeba, e é como me chamam nacionalmente no movimento indígena (meu nome civil é Jacimar de Almeida Gouvêa). Sou graduada em Assistência Social. Meu povo é originário do Alto Solimões, no Amazonas, do Município de São Paulo de Olivença. Somos conhecidos como o povo Omágua (“povo das águas”), e somos provenientes do Peru. Em Manaus, fiz parte do MEIAM - Movimento Estudantil Indígena do Amazonas, do qual fui vice-coordenadora; depois, fui da COIAB – Coordenação das Organizações Indígenas da Amazônia. Tornei-me membro do CONAME – Conselho Nacional da Mulher Indígena, e em 2004 fiz parte do CNDM – Conselho Nacional do Direito da Mulher, junto à presidência da república, representando as mulheres indígenas do Brasil. Foi nessa gestão que lutamos pelo empoderamento das mulheres: pela destinação de 30% do fundo partidário para as mulheres, e do plano nacional dos direitos das mulheres. Sou artista, pinto, desenho, faço bonecas indígenas articuladas e faço moda indígena.”

7. Varin Marubo (Amazonas)

Em suas palavras:

“Meu nome (como minha família me chama) é Varin Mema (nome civil é Nelly Barbosa Duarte Dollis). Meu povo é denominado como Marubo (nós nos autodenominamos de Yôra ou Yôrarasĩ, que significa ‘gente/corpo’: “yôra” é matéria completa, com suas maneiras de ser, surgimento de origens, conhecimentos; “rasĩ” é morfema plural). Sou oriunda da terra indígena Vale do Javari, localizada no oeste do Amazonas, na tríplice fronteira entre Acre, Amazonas e Peru. Na TI, o povo Marubo vivemem duas calhas dos rios Ituí e Curuçá. Atualmente, sou doutora pelo programa de pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal do Rio de Janeiro/Museu Nacional e estou cursando Especialização em Direito Público na UFAM Manaus. Sou Bacharel em Antropologia Social pela Universidade Federal do Amazonas, formada no ano de 2008/2014 na cidade de Benjamin Constant/AM, e fiz mestrado em Antropologia Social na UFRJ/MN 2015/2017. Trabalho na Coordenação das Organizações Indígenas da Amazônia Brasileira – COIAB, no Setor da Gerência de Povos Indígenas Isolados e de Recente Contato – GPIIRC, como Técnica de Projetos.”



ESCOLA
DE ARTES
VISUAIS DO
PARQUE LAGE

8. Juliana Guarany (Paraná)

“Meu nome é Juliana Yva Mirim da Silva. Nasci na aldeia Mbyá Guarani, de Palmeirinha no Paraná. Atualmente, moro na Aldeia Mata Verde Bonita, em Maricá. Sou pintora desde meus 14 anos. Faço parte da organização feminina da comunidade de minha aldeia.”